

O isolamento social imposto pelo Covid 19, a jornada diária de mulheres e a utilização das tecnologias

Márcia Maria Fernandes de Oliveira¹
Laureane Nascimento Aparecida Nascimento²
Rubiane Bakalarczyk Matoso³
Elisângela Pinheiro Pechim Soares⁴

O ano de 2020 sem sombra de dúvidas ficará marcado na história global, segundo Busato, Gomes e Fernandes de Oliveira (2020), a população mundial foi surpreendida com as notícias no final de 2019 e sobretudo, início do ano de 2020 com uma doença respiratória causada por um novo coronavírus, que passou a ser chamada de Covid-19, segundo Tedros Adhanom Ghebreyesus,

¹ Pós doutora em Educação Superior pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Doutora pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Mestre pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Graduação (Licenciatura e Bacharelado) em Geografia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Desenvolve pesquisas na área de Educação, Educação em Direitos Humanos, Formação de Professores e Meio ambiente.

E-mail: marcia.o@uninter.com

² Possui graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Tuiuti do Paraná (2001) e graduação em Pedagogia - Licenciatura pelo Centro Universitário Internacional Uninter (2013). Pós- graduação de MBA em Comunicação e Marketing pela Faculdade Integrada Curitiba (2006) e Pós-graduação em Educação Tecnológica Superior pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (2008). Professora/Tutora do Curso de EAD do curso de Marketing no Instituto Wilson Picler (2006-2010).

E-mail: laureanea@yahoo.com.br

³ Possui graduação em Direito pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Santo Ângelo (2010). Curso de Extensão em Direito Internacional Ambiental, pela Universidade Federal do Paraná. Pós Graduação em Direito do Trabalho e Previdenciário. Advogada especialista em Direito Previdenciário e Trabalho.

E-mail: rubiane.bk@gmail.com

⁴ Possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Campus Poços de Caldas (2008). Cursa Segunda licenciatura em História pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Integrante do Projeto de Educação em Direitos Humanos e Meio Ambiente.

E-mail: pechimsoares@sudmail.com.br

diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS), onde “Co” significa corona, “vi” vem de vírus, “d” doença e 19 significa o ano do surgimento, 2019 (OMS, 2020) configurada como pandemia.

Na medida em que o vírus se espalha, trazendo ameaças à saúde pública e a economia mundial, também observamos, segundo especialistas, impactos na vida de muitas mulheres que dividem seu dia a dia entre a jornada profissional e demais atividades pessoais e domésticas.

Segundo Marques et. al. (2020) com o avanço da transmissão da doença nos diversos países e a ocorrência de transmissão comunitária, medidas de contenção social têm sido propostas em diversos países, incluindo o Brasil. Dentre as medidas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para o combate à pandemia, destaca-se o isolamento dos casos suspeitos e o distanciamento social, estratégias fundamentais para conter o aumento exponencial dos casos da doença e a sobrecarga no serviço de saúde. Entretanto, tais recomendações têm severas repercussões negativas para a atividade econômica em todos os seus níveis e para a vida em sociedade. O momento para torná-las imperativas tem sido alvo de discussões e tensões entre pesquisadores, setor produtivo e governantes.

Por conta do isolamento social imposto pela Covid-19, houve uma necessidade muito maior do que a normal da utilização da tecnologia, como recurso, principalmente de comunicação.

Conforme Silva (2013) no momento, a tecnologia ocupa um lugar central, está amplamente difundida entre os diversos domínios da existência humana (hábitos de alimentação, ritmos de vida, maneira de trabalhar, sistema de saúde, processos pedagógicos, etc.) e chama atenção para o principal desafio, no momento atual que é o de uma atividade humana referida à produção de métodos e artefatos.

Mulheres são desigualmente impactadas pelos efeitos da Pandemia de COVID-19, pelo crescimento dos números de casos de violência doméstica e também

pelo aumento da jornada de trabalho, o isolamento social fez com que as mulheres tivessem que reorganizar suas rotinas diárias resultando em uma estafa mental e física representada pelo excesso de atribuições. **Segundo relatório da ONU Mulheres**, divulgado no final de março deste ano, as mulheres estão dentre os grupos mais afetados pela pandemia. Com o isolamento social os índices de agressões e feminicídio aumentaram significativamente (ONU, 2020).

Diante deste triste cenário, a ONU (2020), para combater a violência de gênero durante a pandemia, recomenda aos países o aumento de serviços *online*, na estrutura dos sistemas judiciais para que os agressores sejam devidamente processados, que sistemas de emergência sejam criados em locais como farmácias e mercados, possibilitando o acesso fácil às medidas de apoio sem alertar seus agressores.

No Brasil, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos apresentou que o confinamento resultou em um acréscimo da quantidade de ligações para o 180, que atende denúncias de violência contra mulher. (BRASIL, 2020)

Sob a perspectiva de pensamentos sobre equidade de gênero, muito tem se comentado acerca das mudanças de geração após geração, no que se refere ao papel da mulher no contexto social, familiar e profissional.

Diante disto, nos reunimos aqui, quatro mulheres com as seguintes características; mães, esposas, professoras e pesquisadoras, dentro deste momento impar em que a sociedade mundial vive, frente ao isolamento social inserido como um dos mais eficazes métodos contra o contágio do vírus, em regime de *home office* nos dividindo entre as múltiplas tarefas diárias, que na maior parte do tempo tem incluindo três turnos de trabalho a cada uma de nós. Destacamos aqui a utilização das tecnologias para o exercício do compromisso com o trabalho profissional, mas também como redes de encontro sociais com familiares, amigos e até comemorações virtuais.

Conforme Ávila (2002), o tempo despendido pelas mulheres para os cuidados com a casa e com a família, é considerado como parte da vida das mulheres,

como um atributo feminino e está relacionado com o poder de gênero. Ávila (2002 p.39) frisa que “para as mulheres que estão no mercado de trabalho esse tempo retirado da sua inserção na produção é aquele que produz a dupla jornada, nele as tarefas de reprodução são destituídas de valor social”.

Vivemos ainda em uma sociedade de contexto patriarcal, onde a figura feminina ainda, é percebida muitas vezes por regras comportamentais estabelecidas pela cultura conservadora arcaica, formas de se vestir e de agir, são levados a cheque. A mulher do século XXI, se configura vinculada a multi funções, além disto, luta constantemente pelos seus direitos que deveriam ser intrínsecos.

Sendo assim, organizamos, por meio de relatos de experiência aqui organizado via letras (A, B, C e D), as experiências do dia a dia de quatro mulheres dentro do contexto social e a utilização das tecnologias como recurso de trabalho, comunicação e lazer.

Relato A

De uma hora para outra tudo mudou, o trabalho, as atribuições, a organização do tempo, as demandas da casa, as relações sociais, a rotina diária já não existia mais, tudo virou de ponta cabeça.

Como pedagoga da rede Estadual de Ensino Paranaense, no início da quarentena foi assustador. De acordo com o Decreto nº 4230, do governo do Paraná, estabeleceu medidas de enfrentamento ao Covid-19 e a Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Paraná (SEED) suspendeu as aulas presenciais desde o dia 20 de março, por tempo indeterminado. Foi implantado um pacote de ações chamadas de “EAD Aula Paraná”. Desta forma foram utilizadas três ferramentas: aulas via televisão, canal do Youtube e aplicativo para ser baixado no smartphone (SEED, 2020).

Eram muitas dúvidas, inúmeras perguntas e poucas respostas: De que forma esquematizar ações para ajudar os alunos? Quais mecanismos utilizar para orientar os professores? Como trabalhar de forma remota? Aos poucos o pânico

foi dando lugar à criatividade e as novas tecnologias educacionais fornecendo possibilidades para diferentes configurações à prática docente.

O trabalho colaborativo entre professores, equipe pedagógica e diretiva foi tomando forma, cada um na sua casa, atuando no formato não presencial, mas engajados em reinventar a ação pedagógica.

Na medida em que o contato com os alunos foram acontecendo, via telefone, e-mail, por aplicativos ou reuniões virtuais, era possível sentir a insegurança mediante todo esse cenário, por esse motivo uma palavra de conforto e a disponibilidade em ajudar tornaram-se fundamentais para o quesito emocional.

Em paralelo a função como pedagoga, havia também a atuação como professora do Ensino Superior de uma instituição privada, as aulas foram acontecendo via plataforma do *Zoom*, ferramenta síncrona de comunicação, possibilitando uma sensação de proximidade com aluno, mesmo fisicamente longe, mas o grande desafio foi adaptar todo um planejamento e materiais de apoio para configuração de ensino remoto.

Aos poucos foi perceptível que o tempo de estudo para desenvolver uma aula presencial não era o mesmo para o formato não presencial, demandava muito mais empenho e dedicação. Alguns professores utilizaram a expressão: “trocar o pneu com o carro andando”, mas a sensação foi realmente essa, sem tempo hábil para capacitações a prática docente foi reinventada em caráter emergencial.

Em meio a todo esse caos, ainda havia preocupações na posição de pesquisadora e aluna do curso de mestrado em Educação e Novas Tecnologias, o cumprimento de prazos, leitura de textos, desenvolvimento de artigos e apresentações, tudo sem ao menos poder interagir presencialmente com colegas e professores, dificultando todo processo, mas a vontade de vencer torna-se combustível para seguir em frente.

O trabalho remoto, reuniões marcadas de hora em hora, uma demanda duplicada de atribuições, o atendimento da casa, o cuidado com uma mãe idosa,

um marido pertencente ao grupo de risco, o estudo, o confinamento, não poder estar presente com as pessoas que ama, as notícias diárias do aumento de mortes, a vontade de desistir, tudo junto e misturado, mas com uma única certeza, tudo isso vai passar, e o retrato de momentos difíceis ficará guardado na lembrança.

Relato B

O COVID nos levou, de uma hora para outra, a uma nova realidade onde a permanência em casa tornou-se obrigatória, por meio do isolamento social. Com isso, os reflexos nas relações trabalhistas foram impactados consideravelmente. No mundo jurídico não poderia ser diferente.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD, realizada pelo IBGE (2018), antes da pandemia, as mulheres utilizam “quase o dobro das horas semanais dos homens em atividades de afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas”. (IBGE, 2018)

Em entrevista ao Jornal Folha, Claudia Luna, presidente da comissão da mulher advogada da OAB do Estado de São Paulo menciona que “as profissionais do direito se vêem assoberbadas com o próprio trabalho, os afazeres domésticos, para os quais não têm mais suporte, nos quais se amparavam para alavancar suas carreiras, e se veem assoberbadas com os cuidados com os filhos, sem creche e sem escola”. (FOLHA, 2020)

Mesmo não tendo filhos, mas sendo mulher, advogada, pesquisadora, estudante e esposa, também tenho enfrentado as dificuldades com relação a estabelecer um tempo para todas as coisas do cotidiano: tempo para si, tempo para a família, tempo para os cuidados com os animais domésticos, tempo para as pesquisas e estudos além do trabalho. A desaceleração causada pela pandemia nas primeiras semanas foi visto como algo positivo, mas que durou por pouco tempo. Estabelecida a rotina de teletrabalho a demanda aumentou consideravelmente na minha área de atuação.

Sobre o trabalho Ribeiro citado por Oliveira (2020) nos diz que “exige-se que trabalhadores e consumidores ajustem-se às orientações comportamentais que satisfazem, basicamente, aos interesses das firmas”, naturalizam-se os “interesses que organizam as atividades econômicas, que são reificadas as necessidades sociais, permitindo que a lógica do lucro seja apresentada como a única forma legítima de racionalidade”. (RIBEIRO, 2009 p.28 *apud* OLIVEIRA)

Encontrar um “lugar” na casa para estabelecer o *home office* não foi difícil, mas desafiador. Enquanto a rotina da casa segue seu curso normal, nós mulheres, precisamos nos ater às horas necessárias para o cumprimento da jornada de trabalho. Já no segundo turno, na condição de professoras, precisamos organizar os materiais e aulas ministradas remotamente, inclusive, as tecnologias que serão utilizadas para estas transmissões.

Nesse ponto, o uso das tecnologias, em tempo de pandemia, trouxe uma flexibilidade de se tornou o único meio viável para que o trabalho jurídico e universitário não parasse.

Pesquisa recente realizada pela empresa Ticket, marca de benefícios de refeição e alimentação da empresa Edenred, 82% das mulheres estão completamente satisfeitas ou muito satisfeitas com o teletrabalho durante a quarentena, enquanto entre os homens apenas 76%.

Sobre a adaptação a este novo sistema cerca de 53% dos trabalhadores, entre homens e mulheres, consideram-se adaptados ao *home office*, enquanto 33% estão adaptados e 14% não se adaptaram. Esta última pesquisa, comparada a pesquisa realizada em abril, revela um aumento considerável na adaptabilidade dos brasileiros ao novo sistema, em abril apenas 27% consideravam-se plenamente adaptados à nova rotina. (ESTADÃO *apud* R7, 2020)

Este período de pandemia nos trouxe um desafio enorme como mulheres, mães, cientistas, pesquisadoras, donas de casas. Nunca foi tão evidente a desigualdade de gênero e a sobrecarga imposta à mulher que precisa assumir, sem negociações, todos estes papéis ao mesmo tempo. Diante desse novo cenário é

preciso aprender a nos reinventar, refletir sobre nossos ideais, objetivos e executar aquilo que realmente faz sentido em nossas vidas cotidianas. Não sabemos como tudo isso irá terminar, mas precisamos compreender que o caos não dura para sempre.

Relato C

Com a chegada do novo coronavírus, que nos colocou forçosamente em isolamento social, trouxe à tona problemas já presentes nas sociedades humanas, como: racismo contra comunidades negras, afrodescendentes, quilombolas, ribeirinhas, povos originários, dentre outros. O crescimento de grupos e políticos com ideias neofascistas tem se espalhado pelo globo, e a manifestação dessas ideias nunca estiveram em maior vigor como durante o período presente, onde esses grupos e organizações têm maior tempo, assim mais autonomia, para se organizarem virtualmente e, desta forma, propagar suas ideologias. Porém, em contra partida, nas redes sociais, é possível observar um aumento significativo nas reações de grupos e organizações contrárias as opiniões destes grupos e suas ideologias destrutivas.

Dentre essas pessoas e grupos podemos citar o MST (Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), que luta por uma reforma agrária comunitária e que, durante a quarentena, tem distribuído alimentos e marmitas para comunidades em situação de risco social; o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), que luta pelo direito a moradia no contexto urbano e que, durante a quarentena, tem auxiliado o MST na distribuição de marmitas para pessoas em condição de rua e em comunidades de extrema pobreza nas grandes cidades; os professores Jones Manuel e Angela Davis, que lutam contra o racismo estrutural presente na estrutura social e que, durante a quarentena, têm se dedicado em defender o povo negro contra represália policial que, diga-se de passagem, teve um aumento significativo no período em que estamos inseridos; as ativistas indígenas Sônia Guajajara e Celia Xakriabá que lutam pela demarcação de terras indígenas pelo governo brasileiro e, que durante a quarentena, têm lutado pelo direito dos indígenas receberem atendimento médico em função do Covid-19 dentro de suas aldeias, diminuindo a

possibilidade de contágio, mas que tem crescido exponencialmente entre os povos originários.

Mas há outro grupo minoritário, que também aparece em todos os grupos minoritários já citados, que não escapou de ter sua vida cotidiana modificada durante a quarentena. A luta da mulher é uma luta centenária. Desde os primórdios é possível encontrar mulheres à frente de seu tempo, que buscavam melhor visibilidade ao sexo feminino, diminuindo preconceitos. Podemos citar Joana’Darc, que aos 17 anos liderou um pequeno grupo de soldados franceses contra a invasão inglesa. Dandara, que até onde se sabe, auxiliava seu marido Zumbi dos Palmares a proteger o quilombo e a elaborar estratégias de fuga para escravos. Maria Quitéria de Jesus que se vestiu de homem para entrar no exército nacional e lutar pela independência dos Brasil. Nísia Floresta, conhecida como a primeira feminista brasileira, que na primeira metade do século XIX já lutava pelos direitos das mulheres, indígenas e escravos. Patrícia R. Galvão, a Pagu, que nas primeiras décadas do século XX lutou contra o conservadorismo e questionava o papel submisso da mulher imposto pela sociedade; foi a primeira mulher no Brasil a ser presa e torturada por motivos políticos.

Entretanto, o isolamento parece ter colocado em cheque todos esses avanços. Não é muito difícil ir às redes sociais e ver mulheres reclamando de excesso de trabalho e estresse. Tudo isso por acúmulo de trabalho secular e familiar. Aquele trabalho doméstico que era dividido entre todos os familiares em tempos normais, agora passa a ser, novamente, trabalho da mulher. Com isso, essas mulheres se veem, mais uma vez sozinhas, tomando conta de filhos, casa e parceiro, como se já estivesse subentendido que trabalho de casa é trabalho de mulher.

Então, ficam algumas questões: até que ponto houve um avanço na visão da sociedade de qual seja o papel da mulher nessa mesma sociedade? Será que não houve apenas um maquiamento sobre a função da mulher na sociedade apenas pelo fato de ela ter saído de casa para trabalhar, com isso contribuindo para o capitalismo? Ou seja, será que mesmo antes do forçado isolamento social essa

mulher também já não estaria sobrecarregada de funções, e o fato de se ausentar do lar por longas horas, dava à mesma a impressão ilusória de menos empenho nos serviços do lar? São muitas questões que trazem à tona a real visão social da mulher.

Como professora de meio período e mãe em período integral, sinto o quanto a mulher ainda é vista como a verdadeira responsável pelos afazeres domésticos. E o mais agravante nisso tudo é que ainda tentam nos fazer acreditar que isso é um privilégio, como se o fato de sermos constantemente sobrecarregadas com jornadas duplas e triplas de trabalho fosse benéfico para o progresso da família e da sociedade. Com isso, a cada dia vemos um maior número de mulheres com problemas como depressão e ansiedade, contribuindo assim para que essas mulheres desenvolvam outras patologias e neuroses.

Evidentemente isso não invalida a luta de mulheres do passado e do presente. O que fica muito claro é que as sociedades ainda não avançaram o suficiente na compreensão do papel da mulher dentro dessas mesmas sociedades, ou seja, ainda temos muito que avançar como humanidade, uma vez que retrocedemos a cada crise que essas sociedades passam. Com isso, basta concluir que a luta é constante, não para, não há trégua até que todos compreendam que somos iguais em nossas diferenças.

Relato D

O Covid-19 chegou com sua abrangência numa escala global, caracterizando o como doença pandêmica, inclusive levando a letalidade. Trouxe sem sombra de dúvidas, medo, acarretando muitos problemas psicológicos, conforme podem ser vistos em estudos. Diante disto eu e minha família, nos reclusamos totalmente no ambiente doméstico. Eu, mulher, mãe de dois filhos, casada, professora. A empresa onde trabalho, colocou a nos funcionários o regime de *home office* e nos forneceu os recursos necessários para o desenvolvimento do trabalho de forma remota, inclusive com plataforma própria para o desenvolvimento de nossas funções.

Sem sombra de dúvidas foi um momento de adaptação, desde a segunda quinzena de março estamos em casa, inicialmente acompanhávamos via sites de internet os números de casos de contagiados pela doença no Brasil e no mundo, o que nos causou e causa assombro, possibilitando desta forma maior isolamento possível, e sem sombra de dúvidas a tecnologia foi e é a nossa maior aliada para o enfrentamento da situação em que nos encontramos.

Em particular o meu trabalho, compromisso e responsabilidade aumentaram muito, tenho me desdobrado em várias, pois o trabalho profissional veio e entrou dentro da minha casa, a escola da minha filha de 9 anos, também veio com as aulas remotas e tarefas para dentro de casa, meu filho caçula (3 anos) que iria para a escola pela primeira vez, não pode. Além disto, achei sensato pedir para que a moça que me auxilia com os trabalhos domésticos, permanecesse na sua casa até a pandemia passar.

Para o meu trabalho profissional utilizo o tempo todo o recurso da tecnologia, ministro minhas aulas, participo de reuniões, participo de bancas de conclusão de cursos, realizamos bancas avaliadoras, enfim, em momentos que muitas pessoas perderam seus empregos, eu continuo com o meu, e reconheço que a tecnologia, sem sombras de dúvidas é essencial neste caso, visto que permite que eu realize com colegas e alunos o trabalho.

No que diz respeito a encontros familiares, aniversários, reuniões com amigos, também tem ocorrido via plataformas específicas para tal, ou mesmo via telefone pelo aplicativo WhtasApp que desde que começou a pandemia passou a disponibilizar chamada por vídeo para oito pessoas.

Enfim, percebo que estamos tentando ser os mais resilientes possíveis, e sem sombra de duvidas a tecnologia muito contribui para este processo, já que é uma forma de sentirmos calor humano, mesmo sem nos tocarmos.

Algumas considerações

Normalmente a mulher já vem conciliando longas jornadas de trabalho, conciliando profissão, afazeres domésticos e a maternidade. Em tempos de Pandemia e isolamento social, tudo se intensificou e o contexto atual se mostrou desafiador frente as dificuldades da quarentena.

O sistema de trabalho remoto, conhecido como *Home Office*, por meio das tecnologias, parece ter assumido a maior parte dos trabalhos, sendo por meio, sobretudo de plataformas digitais de comunicação e aplicativos. Configuram se hoje ano de 2020 poderosa forma de comunicação na escala global.

Acreditamos que certamente, quando chegar o momento tão sonhado pós pandemia, haverá uma reorganização na forma de muitos trabalhos, atividades e prestações de serviços, pois as tecnologias tem se mostrado essenciais e veem suprindo as necessidades em vários âmbitos, inclusive o afetivo.

Referências

ÁVILA, M. B. “O tempo e o trabalho das mulheres”. In: (Org. COSTA, A.A et. al.) *Um debate crítico a partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero*. São Paulo: CUT, 2002.

BRASIL. *Mulheres e meninas devem estar no centro dos esforços de resposta à COVID-19*. ONU – Organização das Nações Unidas, 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mulheres-e-meninas-devem-estar-no-centro-dos-esforcos-de-resposta-a-covid-19/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

BRASIL. *Declaração interagencial das Nações Unidas sobre violência contra mulheres e meninas no contexto da COVID-19*. ONU – Organização das Nações Unidas, 2020. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/declaracao-interagencial-das-nacoes-unidas-sobre-violencia-contramulheres-e-meninas-no-contexto-da-covid-19/>. Acesso em: 19 jul. 2020.

BRASIL. *Mulheres estão mais satisfeitas com home office do que homens*. R7, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/economia/mulheres-estao-mais-satisfeitas-com-home-office-do-que-homens-10062020> . Acesso em 20 jul. 2020.

GOMES, E. G.; BUSATO, I. M S; FERNANDES DE OLIVEIRA, M. M. Covid - 19 e a atuação da Organização Mundial da Saúde. *HYGEIA, Revista Brasileira de*

Geografia Médica e da Saúde. Edição especial Covid 2019. 2020 em <http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/54086/29104>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD*. 2018.

MARQUES, Emanuele Souza et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, 2020. Acesso http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000400505&lng=en&nrm=iso>.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. *A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da COVID-19*. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>. Acesso em: 19 jul. 2020.

ONU. *Chefe da ONU alerta para aumento da violência doméstica em meio à pandemia do coronavírus*. Organização das Nações Unidas - ONU, 06 abr. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em: 21 jul. 2020.

SEED. *Paraná oferta aulas EaD aos alunos da Rede Estadual de Ensino*. Disponível em: <https://www.nre.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=21165>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SILVA, Gildemarks Costa e. Tecnologia, educação e tecnocentrismo: as contribuições de Álvaro Vieira Pinto. *Rev. bras. Estud. Pedagog.* (online), Brasília, v. 94, n. 238, p. 839-857, set./dez. 2013. Disponível <https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n238/a10v94n238.pdf> acesso 14 jul. 2020.